

# Brasília, Brasil, Brazil

CORREIO BRAZILIENSE

27 ABR 1993

Jota Alcides

Editor-Chefe

DF

Em brasileiríssima manhã de sol de 1958, sob aprazível casarão colonial no bucólico bairro recifense de Apipucos, dois famosos escritores, essencialmente humanistas, trocavam e avaliavam impressões sobre o Brasil de então. Detendo-se mais interessadamente nos avanços da arquitetura e do urbanismo e suas relações com o ambiente ecologicamente tropical, o brasileiro Gilberto Freyre e o inglês Aldous Huxley, este visitando o Recife depois de ter testemunhado a ousadia do presidente Juscelino Kubitschek no Planalto Central do Brasil, acabaram conduzindo longa e animada conversa para uma análise crítica sobre Brasília, vista “como admirável experimento arquitetônico e urbanístico”.

Freyre, que já se aventurara em advertir os maiores apologistas da nova capital brasileira para o fato de que a grandiosa construção não devia se resumir em “puro arrojo de arquitetura ou de urbanismo modernista”, passou a reclamar da falta de contribuição e participação, no projeto de Brasília, de cientistas sociais com sentido ecológico e até genético. Huxley, apoiando Freyre, indicou ser necessária aos arquitetos e urbanistas envolvidos com a construção de Brasília a cooperação até de biólogos “para integração literalmente ecológica da nova cidade num meio tropical”, exigência básica de tudo que se faça no Brasil. Os dois, Freyre e Huxley, defendiam que essa integração exige respeito à tradição viva e útil representada no Brasil pela experiência ibérica em geral e portuguesa em particular, do europeu em áreas tropicais e entre civilizações ou culturas tropicais.

Em síntese, Gilberto Freyre e Aldous Huxley, sugeriam a reorientação da construção de Brasília para que a nova capital pudesse efetivamente se tornar “a cúpula de um esforço de profunda, mas flexível, integração do que no Brasil é plural e ao mesmo tempo uno”. Ambos concordando amplamente em que o dinâmico desenvolvimento devia sen-

tir a força dos valores, das tradições e das aspirações do pluralismo étnico e cultural brasileiro, queriam, então, que Brasília conseguisse “a integração do que se pretende ordenadamente uno no que é desordenadamente plural”. Para isso, segundo Freyre, era fundamental o relacionamento da arquitetura com a ecologia social. Que a nova arquitetura de Brasília tivesse um sentido perfeitamente brasileiro de luz e das relações do homem com a luz do Brasil tropical.

Durante muitos anos, as avaliações e advertências de Freyre e Huxley pouco apreço tiveram por parte dos maiores entusiastas da monumental Brasília. Parecia-lhes ser o sentido estético da grandiosidade arquitetônica suficiente para permitir o desprezo ao sentido ecológico já então reclamado pelos dois humanistas. O tempo encarregou-se de dar sentido à pregação de Freyre e Huxley. Passados 35 anos daquele encontro de Apipucos, muita coisa evoluiu no projeto da nova capital do Brasil sem ferir ou desvalorizar sua concepção original. Muito pelo contrário. Agora, com 33 anos completos de existência, Brasília está consolidada como capital da República e cada vez mais proporciona a integração da pluralidade cultural e étnica brasileira. Nenhuma outra capital tem juntos tantos sentimentos e estilos de goianidade, mineiridade, pernambucanidade, cearençidade e baianidade, como tem Brasília, exibindo uma sedutora face de brasilidade com extraordinário sentido épico, místico e até poético, numa visão sociológica e antropológica.

Com sua ecologia extremamente valorizada, sobretudo por vastíssimos espaços verdes e mais recentemente por numerosos e atraentes jardins floridos criados pela sensibilidade do governador Joaquim Roriz, Brasília é hoje uma das capitais do mundo com melhor qualidade de vida. A arquitetura e o urbanismo da cidade ganharam crescente sentido ecológico, como queriam Freyre e Huxley, e Brasília é hoje modelo para o mundo.